

# LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

LEITURAS NO TEATRO MARIA MATOS

LISBOA, 28 E 29 DE JUNHO DE 2019

*POEMAS DE*

Mónica de la Torre

Daniel Jonas

Rosa Oliveira

Ana Paula Tavares

Nathalie Handal

Tomica Bajsić

Billy Collins

Nuno Júdice



Casa  
Fernando  
Pessoa



## LISBON REVISITED

*Poetas portuguesas e estrangeiros,  
alguns já conhecidos, outros ainda por  
traduzir: encontros da Casa Fernando Pessoa  
entre quem escreve e quem lê poesia.*

*Poemas lidos nas noites de  
28 e 29 de Junho de 2019.*



# LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

LEITURAS NO TEATRO MARIA MATOS

LISBOA, 28 E 29 DE JUNHO DE 2019



Casa  
Fernando  
Pessoa

*Lisbon Revisited — Dias de Poesia*  
é uma organização da Casa Fernando Pessoa.  
Apoio à divulgação: Antena 2

TÍTULO

*Lisbon Revisited — Dias de Poesia*

AUTORES

Mónica de la Torre, Daniel Jonas,  
Rosa Oliveira, Ana Paula Tavares,  
Nathalie Handal, Tomica Bajsić,  
Billy Collins, Nuno Júdice

TRADUÇÕES

Margarida Vale de Gato  
(poemas de Mónica de la Torre);  
Rosalina Marshall  
(poemas de Nathalie Handal);  
Tomina Šop e Rui Manuel Amaral  
(poemas de Tomica Bajsić);  
Ricardo Marques e Ricardo Vasconcelos  
(poemas de Billy Collins)

ORGANIZAÇÃO

Casa Fernando Pessoa

© dos autores

GRAFISMO

Pedro Serpa  
(capa a partir de desenho do Atelier-do-Ver)

## ÍNDICE

Mónica de la Torre	9
Daniel Jonas	18
Rosa Oliveira	24
Ana Paula Tavares	37
Nathalie Handal	42
Tomica Bajsić	49
Billy Collins	56
Nuno Júdice	65



# PARTE I



# Mónica de la Torre

---

## SOBRE A TRADUÇÃO

Não para buscar sentido, mas para reedificar um gesto, uma intenção.

Ser tradutor leva-nos a desenvolver afeição pelos originais.  
Raramente há escolhas tão deliberadas.

Ao meio-dia, a tradutora encontra-se com o poeta num café  
no cruzamento onde durante décadas putas e travestis se  
perfilaram à noite para revista dos transeuntes.

Não um monólogo, mas uma conversa implícita. A tradutora reage  
com atraso.

A tradutora pergunta, o poeta responde sem reservas. Alguém  
observa os movimentos manuais que pontuam a passagem de  
um diálogo incompreensível.

Falam da desilusão do poeta com Freud.

Uma após outra, nítidas descrições dos sonhos do poeta começam  
a derramar-se da sua boca. Não há sinal de ironia na sua voz.  
Nem um assomo de espanto, nem uma sugestão de sentidos  
ocultos, antes uma crença na teoria do detrito,

«Se me aparece un gato fosforescente. Lo sostengo en mis brazos  
sabiendo que no volveré a ser el mismo.»

«Estoy en una fiesta. De pronto veo que el diablo está sentado frente a mí. Viste de negro, lleva una barba puntiaguda y un tridente en la mano izquierda. Es tan amable que nadie se da cuenta de que no es un invitado como los otros.»

«Anuncian en el radio que Octavio Paz leerá su poema más reciente: ‘Vaca... vaca... vaca... vaca... vaca... vaca... vaca...’»

«Entro a un laboratorio y percibo aromas inusitados. Aún los recuerdo.»

A tradutora sabe que nada que o poeta alguma vez disse ou escreveu revela tanto sobre ele como a expressão no seu rosto quando lhe pediram que posasse para uma fotografia. Saúda a posteridade com um sorriso demoníaco. Para gáudio da tradutora, vê-se obrigado a repetir o gesto pelo menos três ou quatro vezes. A máquina não tem rolo.

EROS GRAVITA DEMASIADO PERTO DA  
TERRA, COMO SE NÃO FOSSE NÓMADA

O enredo não era o nó  
mas como o pudemos fazer.  
Aparece um figo considerável como um satélite.  
De onde vêm os asteroides,  
resíduos de planetas,  
deformações,  
pedaços deslocados;  
de que incómoda lixeira sideral  
se projetam  
para estropear os corpos celestes  
nas suas precisas órbitas.

Eros, nunca te fundiste com a massa incandescente,  
não quiseste amalgamar-te ao futuro planeta  
de poços e alguidares, ratos e tremores.  
Preferiste rondar por tua conta,  
incerto, improvável asteroide  
se caíesses contra a terra matar-nos-ias.

PARA SAIR DO PERPÉTUO ESTADO DE  
ANSIEDADE EM QUE ME ENCONTRO

Quis usar a laparoscopia,  
a taciturna fluidez das manhãs,  
as pulsões regressivas,  
a tração dianteira.

Quis usar as luvas brancas,  
a polimorfa endodermia,  
o enxofre a subir pelas veias.  
Deixar de ser um clássico embrião de envergadura  
e converter-me no apito que regista os embarques,  
numa sugestiva figura plástica,  
num minúsculo necromante ambulatório.

## VISTA DE UMA CADEIRA DODÓ

Um feitio transformável declara que a obsolescência não afetou o dodó.

Todavia dir-se-iam extintos os dias de passar sentados.

Tudo agora é lufa-lufa. Nem vale a pena detalhar: quem não sabe a sensação?

O dodó, quiçá? A sua temporalidade é outra.

A inépcia para se adaptar colocou-o fora do mercado.

Daí que este recosto seja adaptável como se endireitasse a torta evolução.

Dá azo a certo embalo, do foco interior de quem se sinta, quando se reclina e, quando se endireita, para as coisas em redor, uma extrospeção.

Como disse?

Quer-se o melhor de dois mundos, senão...

Move-se tudo com a alavanca e o manípulo, menos parvoíce do que se esperaria de Alice.

Há que tatear um pouco no recosto, requer tentativa e erro.

Também não traz instruções. «A melhor explicação é sermos nós a fazer.»

De pés no chão, é o drama da vida quotidiana.

De pés no ar, é a ilha da mente, o habitat dos outros dodós cuja  
existência só as imagens e os relatos escritos corroboram.

Mudem ou morram.

Quem quer tornar ao zero outra vez?

## AO CONTRÁRIO DE *NOSTOS*, *ALGO* É INESPECÍFICO

Como nunca sei por onde começar, decidi fazê-lo a comer um morango,  
incontável a quantidade de sementes  
can you say I'm of two minds?  
eu diria que tenho ideias bífidas,  
o que abre duas possibilidades: que se encontrem como amigas  
cada qual com seu ponto de vista  
há muito tempo sem se verem  
ou que estejam prestes a atirar-se às goelas  
a punto de agarrarse  
getting at each other's throats  
pensei que era um mexicanismo, mas não  
estás a ficar territorial  
o que não te preocupa nada  
what are you talking about  
se o que dizes é ou não um regionalismo  
não te aflige, não te define  
since I'm just passing through, you mean  
porém tens-te deixado ficar  
I went on staying  
who's I anyway  
quem fala

*ai*, interjeição para expressar muitas e variadas mudanças de ânimo  
e mais comumente aflição ou dor

*ay*, pronounced *I*, interjection used to express a multiple range of  
mood shifts,  
and more commonly affliction and pain

\*

I never know where to begin so I pick up a strawberry  
pego num morango  
with its countless seeds  
porque dizes que tenho ideias bífidas?  
I am of two minds  
Como se no teu cérebro se alojassem duas mentes  
ou o teu crânio tivesse um gémeo siamês  
o que te tornaria uma criatura excepcional  
but it's a set phrase, the language figurative  
or formulaic  
o seu referente é um lugar comum  
fizeste-me lembrar *referee*  
quem faz de árbitro escolha o diabo  
voltemos às goelas  
don't get ahead of yourself  
volvemos às cabeças  
ahead not a head  
porque não dizes a verdade?  
perdes-te com os teus jogos de palavras  
you interrupted me  
venha o diabo, quem puder que o agarre  
ou esteja disponível, you misinterpret  
to get your point across

*I*, pronunciado *ai*, primeira pessoa do singular em inglês

*I*, pronounced *ai*, first person singular

de onde decorre que *algo*, an indeterminate something, do Latim,  
não tem relação com *algos*, dor em Grego.

A *saudade* não precisa soletrar-se  
nem *nostos*, de nostalgia.  
The rest there's no need to spell out.

# Daniel Jonas

---

## DENTE-DE-LEÃO

A juba encanecida do dente-de-leão.  
Eu soprei-a como velas  
de aniversários  
e ele envelheceu anos.  
Ali, tão calvo agora, o ancião,  
um leão glabro  
entupido de testosterona,  
um Sanção  
com a sua cerviz rente  
descravando  
dos quadris da fêmea  
a fome de uma semente.

Provavelmente noutro tempo, noutras circunstâncias  
chegaríamos a iguais resultados  
pelo que de nada adianta imaginar um almagesto  
ou tabelas de paralaxe para isto  
a que convencionalmente chamamos amor,  
nem calcular o ângulo  
entre nós e o centro da terra,  
de nada nos aproveitara, tu e eu  
centros escorraçados de irregular gravitação.

Porém, isso não me impediu de ver plêiades  
cada vez que surgias (só  
não te dizia nada) plêiades iluminando  
meu Hades  
com suas cabrinhas coruscantes  
pascendo  
o vale da sombra da morte.

E a questão hoje é: who's gonna drive you home tonight?  
quando o melancólico transístor  
destila também outras perguntas, mas nenhuma  
tão dura quanto essa,

por exemplo: porque é que a água tem mais tendência  
a subir em tubos estreitos  
ao contrário do mercúrio?  
Isto é view-master e são coisas que faço  
na tua ausência.

O meu poema teve um esgotamento nervoso.  
Já não suporta mais as palavras.  
Diz às palavras: palavras  
ide embora,  
ide procurar outro poema  
onde habitar.

O meu poema tem destas coisas  
de vez em quando.  
Posso vê-lo: ali distendido  
em cama de linho muito branco  
sem perspectivas ou desejo

quedando-se num silêncio  
pálido  
como um poema clorótico.

Pergunto-lhe: posso fazer alguma coisa por ti?  
mas apenas me fixa o olhar;  
fica a li a fitar-me de olhos vazios  
e boca seca.

## A RESISTÊNCIA À TEORIA

Eu ficarei à espera de que as uvas  
das minhas videiras  
amadureçam  
à luminosidade da palavra  
dia

## GROTTO

Não quero nada claro ou helénico.  
Prefiro turbinas de aviões comerciais, a sua fuligem  
doméstica  
às velas de alabastro do veleiro de Ulisses  
lá em mar alto.  
Prefiro o eclipse a Calipso.  
Não quero nada de verdadeiramente branco.  
Dispensar a asa delta de garças,  
o seu voo aerodinâmico,  
troco-o pela arribação de ratos no esgoto,  
a sua pressa chinesa,  
o seu stress pós-traumático:  
orgulham-me criaturas tão limpas.  
Assim também recuso o papel branco:  
trato de o desfigurar  
com sangue negro, como se desfigura  
um branco em Harlem.  
Não quero começar a imaginar como se sentiriam  
escravos nos campos de algodão.

## UMA SAISON NOS INFERNOS

Tudo é breve: um deus,  
o plâncton, o ferro.  
O meu poema é uma miséria  
comparado com o teu nome  
no edital.

A voragem dos grandes estúdios,  
a saída dos operários da fábrica,  
a grande depressão  
dos trinta anos:

Eu bebo  
porque se não beber  
não conduzo  
este corpo a casa.

# Rosa Oliveira

---

## EL DESIERTO

continuamos a conduzir a comer a falar  
avançamos no escuro  
folhagem dentro  
desabou mais um homem  
um cartão que ruiu  
paramos um instante  
olhamos de lado  
seguimos adiante  
com a mão no volante  
cantilena mental  
avançamos entre o verde  
na espessura da noite

um rapaz tresmalhado regressa a Beirute  
vindo dos massacres  
sacode o olhar  
a cidade continua  
a poeira é a mesma  
dança e bebe no interior da guerra

estamos todos em guerra mesmo sem guerra  
à medida que uns tombam  
vacilamos e seguimos  
ajeitamos a mortalha contra a brisa nocturna  
persistimos na frente  
repisamos a dança

o caminho não espera  
o tempo decresce  
em Beirute ou Little Indian todos vão cair  
antes de nascer já estamos em guerra

por vezes uma pausa  
e logo prosseguimos  
mais um comprimido contra o medo  
é certo que vamos cair  
trituramos legumes  
na sopa bóiam dedos

instalados para a morte soletramos a guerra

avancamos na folhagem  
avancamos no medo  
caminhamos seguros  
maceramos fragmentos  
escrevemos amamos  
tingidos por dentro  
as ogivas na praia  
as ruas-estilhaços  
a cabeça no deserto  
as mãos a descoberto

toda repetición es una ofensa  
y toda supresión es un olvido

quantas vezes morremos até descansar?

## BOTÂNICA CASEIRA

foi no ano de magnólia, o filme  
foi nesse longínquo ano em que ficámos encadeados a ver  
a julianne moore a entrar e sair de farmácias para comprar morfina  
e o tom cruise mais baixo que nunca num palco de onde cuspiam labaredas  
nesse ano distante ficámos confusos com as histórias cruzadas  
ouvimos aquela música carregada de droga metálica  
e regressou do nada uma jóia kitsch dos anos 70  
os supertramp vinham como aliens  
numa cena sentimento-pirosa  
como lhes convinha

foi nesse ano nebulosa distante  
no verão uma vaga de calor como não havia há 60 anos  
(é o que dizem sempre)  
os termómetros mantinham-se em incêndio permanente  
eu emagrecera para engordar e voltar a emagrecer  
tudo isto sem pensar muito  
tudo isto mecanicamente  
apenas para me manter a boiar à superfície da vida

a personagem mais só repetia comigo  
«há um milhão de anos eu costumava ser inteligente»

oscar wilde cantava em reading  
it's not going to stop  
'til you wise up

as pessoas trabalhavam urinavam e voltavam a trabalhar  
os dias seguiam em frente agarrados à flecha disparada

a magnolia grandiflora era um travesti da magnolia macrophylla

hoje vemos só bocas contorcidas  
e acenamos à lombriga do tempo  
arrastando-se penosamente  
até ao take final

so just give up

## UN CŒUR EN HIVER

aos primeiros assomos de primavera  
repito a viagem romântica e fatídica  
de george sand e chopin

ao que parece tal aventura  
deu origem ao pouco romântico  
turismo em massa no mediterrâneo

chopin olha-me sério e já esverdeado  
meio reclinado no seu piano cheio de tosse  
sem ligar meia ao sol esplendoroso  
e aos jardins feéricos da cartuxa  
no centro pujante da ilha  
verdade que no inverno  
estas colinas agrestes devem  
ser infernais  
por muito contemplativos  
que sejam os discípulos de  
são bruno

os nativos não gostaram do casal  
habituaados ao fustigar da tramontana  
olhavam aqueles modos libertinos  
como prova do desamor  
que estava a chegar

a mulher tinha nome de homem  
fumava  
e escrevia pela noite dentro

enquanto o homem  
gemia e dedilhava o piano infinito  
os filhos não eram filhos  
ele parecia uma mulher  
ela parecia um homem  
nada daquilo era fácil para os pobres maiorquinos  
obrigados à escravidão e a venerar os porcos

mas o que mais incomodava  
os maiorquinos  
era o fulgurante colete amarelo  
de george-georgina

## ESSA IMENSA CIRCULAÇÃO

(luís miguel)

Vou ler um texto que provavelmente não vou ler. Leio e não leio. Hesito. Leio e páro. Páro e recomeço. Acentuo e pontuo. Páro e sacudo. Hesito.

Escrever e falar é hesitar constantemente. Dar voz à hesitação é parar a vida para dar passagem ao pensamento. Um rio a correr no mesmo sítio de onde não sai. Um gargarejo. Um poço onde chapinhamos e olhamos para os pés. Um charco onde os pés se esquecem do corpo.

Por hesitar, escrevi tarde. Todos acentuam a chegada tardia.

*Tardio*, título do livro que se aproxima. Se ainda for a tempo, tal a ameaça lançada. Luto contra o tempo. Não lutamos sempre? Quem dá a quem? Quem pode brandir o dedo? Chegarei tarde e a boas horas, quebradiço lugar comum. Durante muito tempo fui para a cama tarde. Ficava entretida na sericultura. Chegar tarde à escrita parece ser grave, chegar tarde à vida não é nomeado. O inominável. Equivaler escrita e vida é o nó do enforcado. Não é metonímia. Não há figuras de estilo para o atraso. Só relógios, calendários, admoestações.

Tardio é tardio é ainda mais tardio.

Escrevo livros com uma só palavra. Livros apócrifos. Livros cheios de larvas, buracos na pele, hesitações e saltos.

Ainda não comecei a ler apesar de estar a ler.

Hesitar — palavra latina para o acto de estar perplexo.

Não, na verdade estou à espera de Samuel.

## INDIRECTO LIVRE

*um romance é que era!...*  
dizem-me olhando de lado  
os poemas  
longos  
magros  
enguias pensantes  
agarradas ao papel  
do centro de reabilitação

um romance é que era  
com acção tempo  
uma casa inteira  
da raiz quadrada  
ao tecto  
corredores a dar  
para personagens  
ténues  
não totalmente  
apatetadas  
(sepultemos realismo  
experimentalismo  
e deus nos livre  
do pós colonialismo)

um romance é que faz  
virar as cabeças na rua  
calça mesas  
duplica escaparates  
expande a crítica

constipada  
no seu casulo refinado

agora a conveniente  
pausa descritiva  
logo seguida  
de auto consciência  
referencial  
à guitarra e à viola

*um romance é que era!*  
sobrancelha arqueada  
entre a cobiça e a paráfrase

## MENOS-POR-MENOS-DÁ-MAIS

muitas vezes escrevi para não endoidecer  
a maior parte do tempo em que não escrevi  
foi para não endoidecer



## PARTE II



# Ana Paula Tavares

---

## A PEQUENA HISTÓRIA DO GRANDE AHMAD BABA CRONISTA DE TOMBOUCTU, A CIDADE

Carregado com os instrumentos da escrita  
Ahmad Baba sentou-se a pensar  
E viu no meio do deserto  
No local dos camelos e do ouro  
Nascer a primeira muralha  
Escreveu o sol desenhou círculos  
À volta de si mesmo  
e na pele da estrada.  
Olhou os viajantes e bebeu  
deles a água da distância chamou  
rio às correntes nas margens  
e deus à força de crescer as vagens  
os seres seiva das árvores e mistério.  
Inventou a escrita para nomear a cidade.

*«terra alheia não se cheira com as duas narinas»*

Provérbio umbundu

O génio do lugar soltou os ventos  
Histórias velhas na língua nova  
Dançou sobre o abismo anunciou  
A vinda dos pássaros sobre as sementes  
Andou andou para chegar à montanha  
E encontrou a formiga sangue pelo caminho  
Despertou as vespas disse  
Esta é a terra para viver com fome com frio  
Sem as feridas e com bastante lenha para queimar.  
Esta é tua terra teu chão de muitas voltas  
p'ra viver e p'ra morrer  
onde cabe a palavra todas as palavras nossas e as que hão-de vir  
onde não existe espelho e o outro é um nós reencontrado  
onde se fala a todas as portas  
com a cortesia das pausas e  
os arcos dos amigos estão à vista.

Somos aquelas antiquíssimas pessoas  
que ainda movem os lábios em latim  
não só para dizer ave maria mas canis canis  
ou carpe diem mais desejo que processo  
sabemos os tempos dos verbos

## EX-VOTO

No meu altar de pedra  
arde um fogo antigo  
estão dispostas por ordem  
as oferendas  
neste altar sagrado  
o que disponho  
não é vinho nem pão  
nem flores raras do deserto  
neste altar o que está exposto  
é meu corpo de rapariga tatuado.

Não conheço nada do país do meu amado  
Não sei se chove, nem sinto o cheiro das  
laranjas.  
Abri-lhe as portas do meu país sem perguntar nada  
Não sei que tempo era  
O meu coração é grande e tinha pressa  
Não lhe falei do país, das colheitas, nem da seca  
Deixei que ele bebesse do meu país o vinho o mel a carícia  
Povoei-lhe os sonhos de asas, plantas e desejo  
O meu amado não me disse nada do seu país  
Deve ser um estranho país  
o país do meu amado  
pois não conheço ninguém que não saiba  
a hora da colheita  
o canto dos pássaros  
o sabor da sua terra de manhã cedo  
Nada me disse o meu amado  
Chegou  
Mora no meu país não sei por quanto tempo  
É estranho que se sinta bem  
e parta.  
Volta com um cheiro de país diferente  
Volta com os passos de quem não conhece a pressa.

# Nathalie Handal

---

## AMOR E CAVALOS. ESTRANHOS—*INTIMA*

—  
Cem respirações cortam o ar  
ao apoiar-me  
no único pinheiro que encontro.  
É cedo ou tarde, é fresco ou quente.  
Os campos estão secos. O verão aproxima-se.  
Os cavalos estão por toda a parte,  
estranhamente galopando um sonho,  
mas não consigo lembrar-me  
de como chamar por eles,  
então fico para trás, vejo-os passar.

—  
A primeira vez que montei um cavalo  
o meu corpo descobriu a música do fogo,  
crepitando o vento. Um prazer insustentável  
que também me deixou com uma queimadura de lado na perna.  
Um *signal*, disse o tratador, *de saudade*.  
*uma urgência de regresso — de pertença*.  
Afinal, partir é como  
empurrar o peso do nosso coração  
contra a aldeia  
cujo nome nos manteve acordados.

—  
Rafael veio de um sítio algures na Eurásia.  
Passei as mãos pelas suas crinas —  
vi uma história de conquistas e batalhas,

um campo de feno, um monte de verdade,  
ouvi um toque silencioso,  
os seus olhos pediam-me que fosse com ele,  
confessar uma coisa sagrada,  
dar nome a uma coisa luxuosa.  
Nada de onde ele veio,  
ou quem eu era, nos perturbou.

—

Sabia que ele era diferente pela forma como corria —  
sem pausa,  
sem graça,  
sem distração,  
sem naturalidade.  
Disseram-lhe como havia de mover-se neste mundo  
e ele ressentia-o.  
Sabia que nunca seria dono de nada.

—

Veio na minha direcção.  
A tarde estava calma.  
Permaneci quieta.  
E escutámos a música sem nome  
a circundar a terra como um hino  
liberto da sua nação.

—

Ele era-me estranho,  
aproximava-se como se possuísse a terra.  
Todas as manhãs parava a 5 pés de distância  
do rio.

## FORMAS DE REBELIÃO

Quem é que precisa de estar em paz no mundo? Ajuda andar entre guerras, morrer algumas vezes por dia para compreender o céu do teu pai, enquanto o desmanchas peça a peça sem sentir nada, e não consegues sentir a árvore a crescer sob os teus pés, a noite que preme os olhos apenas para encontrar outra noite com a qual a possas comparar. Quem é que já ouviu falar em transformar a dor em beija-flores ou cardeais-do-norte—não estamos crescidos? O que é que significa ser mais velho? Talvez uma casa sem portas ainda possa sobreviver a uma tempestade. Talvez eu não consiga encontrar a forma certa de rebelar-me ou, porra, não possa partir. Eu quero, mas tu cresces dentro de mim. E enquanto eu te observo, sem me aperceber, torno-me muito pesada, demasiada cheia de ti para me mexer. Talvez fosse isso que quissem exprimir quando disseram que não se deve amar demasiado um país.

## CANTO MEDITERRÂNEO

O feitiço de cada onda  
como o perfume da ausência

como a distância entre  
duas saudades

como as sombras do raio  
numa outra luz

tentam curar  
com um sofrimento diferente

mas alguns desgostos  
resistem

até agora  
gerações depois

volto a ti, Rebético

ao teu qanun, alaúde  
toumperleki, politiki lyra

e pergunto

em que língua irei amar  
em que águas respirarei

em que voz encontrarei o mundo  
em que som irei encontrar as batidas

em que sol aprenderei a falar  
em que amor aprenderei a cantar

agora escuto Kalaitzidis  
a tocar *O Sonho de Marco Polo*

volta a nado, volta a nado  
um dia

a minha vida  
está nos teus refrões

escuta, escuta  
uma canção pode mudar um povo

Sou Veneziana e Grega  
Sou Jerusalém em Árábico

Venho da periferia das cidades  
e do mar  
e a ti, Rebético, eu retorno.

Notas: O Rebético corresponde ao blues urbano grego. Funde tradições musicais gregas, turcas, árabes e judaicas e as canções abordam temas como o exílio, a perda, a saudade, o amor e a morte. Este estilo tem origem nos bairros mais pobres da Ásia Menor e desenvolveu-se nos arredores de Atenas, Salónica e Pireu após a catástrofe grega de 1923.

Kyriakos Kalaitzidis é um compositor e tocador de alaúde, considerado um dos mais importantes músicos contemporâneos e estudiosos da música da era pós-bizantina e mediterrânica.

## ÓRFICO

Quando era criança acreditava  
que Deus estava no vento  
que nos conduzia a outros lugares  
que as partidas eram regressos,  
enterrei o sol  
no cinzeiro do meu pai  
para vê-lo nos olhares  
em Berlim ou Estocolmo,  
onde o frio  
é outro país  
à espera de outra paisagem  
e o passado retorna:  
*fecha a porta*  
*a solidão não vai sair*  
*fecha a janela*  
*a luz não vai escapar*  
*fecha a arca de madeira*  
*a memória não se vai sumir*  
*fecha os olhos*  
*a casa não vai desaparecer*  
*fecha tudo fechado*  
*tudo permanecerá*  
*como Mostar e Jerusalém*  
*como os nossos cânticos romanos*  
*ícones bizantinos, orações islâmicas.*  
Os anos passaram—  
procurei a morte em Palermo  
e encontrei o ventre da minha mãe  
procurei a vida em Tessalónica

e encontrei uma canção sobre a morte  
procurei a minha imagem em Veneza  
e encontrei todas as minhas imagens  
atravessei Trieste com o coração  
e Nápoles sem as minhas hesitações  
memorizei Marselha  
desde Notre-Dame de la Garde  
contei todos os meus sonhos em Acre  
encontrei o meu nome no Coliseu  
escutei os limões  
a cair em Roma horas a fio  
esperei que o meu amante me dissesse  
que o mar não se quebra

# Tomica Bajsić

---

## POEMA PÓS-COLONIAL

Leões na Praça de Trafalgar em Londres,  
no bairro de Montparnasse e por toda a cidade de Paris,  
no túmulo do rei Richard na Catedral de Rouen,  
no parque Tiergarten e na ilha dos museus em Berlim,  
na Ponte das Correntes em Budapeste; guardando a entrada  
do Palácio Real em Bruxelas, dormitando  
junto ao monumento a Colombo em Barcelona,  
fazendo equilíbriismo na Praça do Marquês de Pombal em Lisboa.  
Dantes o seu olhar de pedra saudava os navios  
da Companhia das Índias Orientais que partiam de Amesterdão.  
Há mais leões aqui do que em África ou na Índia.  
As capitais dos antigos impérios europeus  
não estão adornadas com delfins ou aves, mas com leões  
cuja força está na sua solidão.

Quando tinha doze anos, num Inverno mordaz,  
patinava no lago gelado do parque Maximir  
perto do jardim zoológico.  
Além de mim, não havia mais ninguém.  
Debaixo de uma ponte, junto ao seu abrigo,  
senti a presença de um leão,  
cujo rugido me fez estacar.

E quando pensas que te vêem, estás errado,  
os leões olham directamente através dos teus ossos,  
através das paredes, das grades e das árvores, para lá

do lago onde patinava, até ao Coliseu de Roma e mais além,  
até às planícies gravadas na sua memória mais profunda,  
o seu olhar pousado nas savanas de África, antes das colónias.

## NOITE NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

Na véspera da invasão russa,  
no Museu de História Natural de Praga,  
eu mapeava espécimes de peixe-serra  
e tartarugas gigantes,  
que emergem no Adriático  
de cinquenta em cinquenta anos.  
Ordenava infindáveis  
borboletas de mansas cores,  
coleccionava conchas dos sete mares.  
Retirava das caves fósseis porosos  
e ossos esquecidos de delfins.  
Antes de me tirarem a chave do museu,  
deixei um polvo dançar  
na eternidade envidraçada.  
Agora perguntam-me  
como é que um professor de biologia  
suporta o lugar de coveiro que lhe deram no cemitério local.  
Nada de estranhar, respondo, hão-de perceber que  
quanto mais fundo enterro a pá,  
mais perto fico da fonte da vida.

## LEITURA DE POESIA

Atrás de nós há uma parede.  
Toco-lhe com os dedos e sinto  
que não é verdadeiramente uma parede,  
mas um precipício,  
o vazio sem fim.

Alguém disse que foi aqui, em Berlim, em 1884, que  
a conferência da África Ocidental dividiu o continente e  
selou o destino escravo dos povos africanos.

Embora tenhamos vindo de diferentes lugares,  
somos próximos uns dos outros e estrangeiros  
para todos na plateia, esses rebentos da árvore familiar  
de folhas douradas, contrária à nossa árvore selvagem  
de esperanças cortadas. Ao saírem desta sala,  
têm a sua espera trabalho à medida do ser humano.

A nossa árvore de esperanças cortadas,  
apesar de esgotada, carunchosa, ainda guarda  
a música do instante, a experiência de uma viagem  
pelos rios que correm debaixo da terra, e tende  
a encontrar misericórdia na solidão,  
é dura, é difícil apagar nela  
o desejo pela vida.

Ainda conseguimos dizer alma,  
amor, fé, família, sem que o som das palavras se assemelhe  
ao eco metálico de uma ventoinha estragada  
ou uma emoção produzida em série.

Ficamos assim na escuridão, a um canto do palco,  
aguardando a nossa vez de ler poesia.

## EM CÍRCULOS

às vezes parece que vivo num tempo emprestado  
os amigos mortos espalhados pelos cemitérios  
riscados das lápides nenhum chegou aos trinta  
homens com quem partilhava o pão  
dormia em bunkers caminhava pela mesma  
erva e pela mesma noite subia aos tanques e caía  
de cara no chão impelido pelas balas e estilhaços  
(ó doce serena terra tu conheces as nossas orações)  
os seus espíritos ainda me aparecem enunciando as últimas palavras  
ainda há sumo? pergunta este que vai morrer num ataque  
cuida do meu irmão diz aquele que morrerá debaixo de um tanque  
um terceiro procura recordar-se de quem é e de onde vem  
enquanto o cérebro se apaga (foi atingido na cabeça)  
o que há ali? pergunta o quarto apertando o copo de vinho com água  
o olhar fixo nas colinas onde o espera uma emboscada  
o quinto não fala mas os olhos podiam dizer:  
morte.

às vezes parece que quebrei a corrente  
acordo de noite sem ar  
pela janela aberta irrompe o zumbido de catorze andares  
(dos caixões de madeira ergue-se o cheiro da carne queimada)  
o Cristo Redentor é uma eterna ferida aberta nas nuvens negras  
pirilampos eléctricos rodopiam e amaldiçoam e celebram  
o tempo em que os porcos devoravam homens  
lá em baixo há uma casa que dantes era azul  
agora não tem telhado e as janelas são órbitas vazias  
o interior está em ruínas mas de noite parece estranhamente viva  
varandas abandonadas enchem-se de flores e luz

mulheres redondas e negras e de turbante encostam-se  
à grade enferrujada e o eco breve das suas conversas  
espalha num sussurro que há trezentos mil mortos naqueles campos  
onde as minhas botas perderam as solas  
onde os meus olhos se afundaram no lodo do universo e  
o meu coração se desprende como a férrea corda de uma âncora  
zunindo pelo ar em círculos cegos:  
sem destino, sem destino.

# Billy Collins

---

## LITANIA

*Tu és o pão e a faca,  
A taça de cristal e o vinho...*

Jacques Crickillon

Tu és o pão e a faca,  
a taça de cristal e o vinho.  
Tu és orvalho na erva matinal  
e a roda ardente do sol.  
Tu és o avental branco do padeiro  
e as aves do paul ao esvoaçarem repentinamente.

No entanto, tu não és o vento no pomar,  
as ameixas na bancada,  
ou o castelo de cartas.  
E não és certamente o ar com odor a pinho.  
Não há qualquer hipótese de seres o ar com odor a pinho.

É possível que sejas o peixe debaixo da ponte,  
até mesmo o pombo na cabeça do general,  
mas nem sequer estás próximo  
de ser o campo de centáureas ao pôr-do-sol.

E uma breve mirada no espelho poderá mostrar-te  
que nem és as botas postas ao canto  
nem o barco descansando no ancoradouro.

Talvez te interesse saber,  
já que falamos no enorme imaginário do mundo,  
que eu sou o som da chuva no telhado.

E que por acaso sou a estrela cadente,  
a folha de papel a esvoaçar pela viela,  
e o cesto de castanhas no meio da cozinha.

Sou também a lua detrás das árvores  
e a chávena de chá da mulher cega.  
Mas não te preocupes, não sou o pão e a faca.  
Tu ainda és o pão e a faca.  
Serás sempre sempre o pão e a faca,  
para não falar da taça de cristal e — por alguma razão — o vinho.

PARA A MINHA RAPARIGA  
DE 17 ANOS PREFERIDA

Já reparaste que se tivesses começado  
a construir o Parténon no dia em que nasceste,  
faltaria apenas um ano para estar tudo pronto?  
Claro, não poderias tê-lo feito sozinha,  
mas não te preocupes, tu estás bem tal como estás.  
És amada apenas por seres como és.

Mas sabias que com a tua idade Judy Garland  
já cobrava 150.000 dólares por imagem,  
Joana d'Arc levava o exército francês à vitória,  
e Blaise Pascal tinha arrumado o seu quarto?  
Não, espera, tinha até inventado a calculadora?

Claro, haverá tempo para tudo isso mais tarde na tua vida,  
depois de saíres do teu quarto  
e começares a crescer, ou pelo menos a arrumar todas as tuas meias.

Por alguma razão, nunca me esqueço que Lady Jane Grey  
foi Rainha de Inglaterra quando tinha apenas quinze anos,  
mas a seguir foi decapitada, por isso não importa referi-la como modelo.

Alguns séculos mais tarde, quando tinha a tua idade,  
Franz Schubert lavava a loiça depois do jantar da família,  
mas isso não o impediu de compor duas sinfonias,  
quatro óperas e duas Missas completas enquanto era jovem.

Mas, claro, isso foi na Áustria, no auge  
do lirismo romântico, não aqui nos subúrbios de Cleveland.

A quem importa, realmente, que Annie Oakley fosse uma  
atiradora exímia aos 15  
ou que Maria Callas se tenha estreado como Tosca aos 17?

Achamos que tu és especial apenas por seres como és,  
a brincar com a comida e a olhar o infinito.  
Já agora, menti sobre Schubert lavar a loiça,  
mas isso não significa que ele *nunca* tenha ajudado em casa.

## FILHO ÚNICO

Eu nunca desejei um irmão, menino ou menina.  
Centro do universo,  
sempre tive a parte de trás do carro dos meus pais  
só para mim. Podia olhar por uma janela,  
deslizar depois para a outra janela  
sem qualquer discussão sobre direitos territoriais,  
e sempre que jogasse um jogo  
no chão do meu quarto, era sempre a minha vez.

Só quando os meus pais fizeram 90 anos  
é que eu ansiei por uma irmã, uma enfermeira a quem chamei Mary,  
que trabalharia num hospital  
a cinco minutos da casa deles  
e que largaria tudo,  
inclusive o termómetro, sempre que eu ligasse.  
'Estou lá num instante' e 'A caminho!'  
seriam duas das suas, e das minhas, expressões preferidas.

E agora que os meus pais estão mortos  
gostaria de poder encontrar a Mary para tomar café  
de vez em quando naquele sítio italiano  
com o toldo azul onde nos sentaríamos  
a pensar na vida, mesmo em dias chuvosos.  
Eu olharia para os seus olhos verdes  
e veria os meus pais, a minha mãe espiando  
pelo olho direito de Mary e o meu pai mirando pelo olho esquerdo,  
o que me lembraria o patinho feio que  
eu era em criança, um príncipezinho e um solitário  
que ao sábado se afastava do seu grupo de amigos

para encontrar uma sebe onde se esconder.  
E eu também falaria disto tudo a Mary  
e nunca a envergonharia perguntando sobre  
a sua inexistência, e talvez  
tomássemos outro café, comêssemos um bolo  
e eu sempre pagaria a conta e levá-la-ia a casa.

## SOBRE A RIMA

Não é precisa muita astúcia  
para trocar meia dúzia por seis,  
e não tenho dificuldade em lembrar  
que trinta dias tem setembro.  
Tal como junho, novembro e abril.

Gosto de não atirar o pau ao gato  
do pequeno João Pestana a dormir num sofá,  
das pombinhas não serem da Cat'rina,  
e de como a vida pode parecer quase irreal  
quando toda a gente abandona o barco.

Por isso, ao invés de agora lembrar  
que quando cai é para todos,  
vou retratar a chuva em Portugal,  
como desce sobre as vinhas da encosta,  
na superfície de profundos portos

onde barcos de pesca se balançam,  
e nas vielas estreitas das cidades  
onde três meninos em t-shirt  
chutam uma bola de futebol à chuva,  
ignorando os gritos das mães às janelas.

## DEPOIS DE AMANHÃ

Se tivesse de escolher um favorito  
dentre os quatro heterónimos de Fernando Pessoa,  
teria de ser Álvaro de Campos,  
escolhido para o papel de Sensacionista Cansado.

Esta manhã nada acontece de especial,  
só a gata enrolando-se novamente numa cadeira  
e a água para o chá a começar a ferver —  
uma cena que o Álvaro teria achado inteiramente suficiente,

ele que não começou nem terminou nada,  
que prefere a janela  
à porta, o amanhã ao hoje  
ou melhor ainda, o depois de amanhã,

essa cidadela de quietude, intocada  
pela ambição ou o trabalho, sem a mácula sequer  
de uma mão a aproximar a agulha de um disco  
ou deslocando uma cadeira do pátio para o sol.

Sim, gosto do Pessoa sonhador  
que evita os elétricos e os mercados,  
e que, como um floco de neve, quase nem existe,  
mas isso não significa que não goste dos outros.

Agora mesmo, na janela das traseiras,  
os quatro Pessoas perseguem-se uns aos outros  
à volta de uma grande árvore, segurando os seus chapéus,  
cada um deles vestido de forma mais extravagante

que o outro. Acima deles um céu pálido,  
nuvens brancas como barcos à vela sobre Portugal.  
Consigno ver tudo desde o meu sofá onde  
toco algumas melodias tristes no flautim.

Entretanto, a água para o chá evaporou-se no ar,  
e a coroa de chamas queima apenas a chaleira,  
e a gata mudou de lugar.  
Ela adora a cama por fazer, os lençóis montanhosos.

## GUIA DE CONCEITOS BÁSICOS

Use o poema para elaborar uma estratégia de sobrevivência no mapa da sua vida. Recorra aos dispositivos da imagem, sabendo que ela lhe dará um acesso rápido aos recursos da sua alma. Evite os atolamentos da tristeza, e acenda a luz que lhe irá trazer uma futura manhã quando o seu tempo se estiver a esgotar. Se precisar de substituir os sentimentos cansados da existência, reinstale o desejo no painel do corpo, e imprima os sentidos em cada nova palavra. Não precisa de dominar todos os requisitos do sistema: limite-se a avançar pelo visor da memória, procurando a ajuda que lhe permita sair do bloqueio. Escolha uma superfície plana e deslize o seu olhar pelo estuário da estrofe, para que ele empurre a corrente das emoções até à foz. Verifique então se todas as opções estão disponíveis: e descubra a data e a hora em que o sonho se converte em realidade, para que poema e vida coincidam.

## O BOMBARDEAMENTO DE LONDRES

Quando Dali puxou pelo cérebro de Freud com uma agulha, como se comesse caracóis, a psicanálise adoptou uma posição neutra: não se analisa o caso em que um paciente se transforma no seu próprio médico. Mas Dali saiu do quadro em que transformou o cérebro de Freud para ver uma esquadrilha de caracóis atravessar o céu, sobre Londres, bombardeando a cidade com búzios incendiários. Ao volante de um desses caracóis, Dali estendia uma capa de toureiro sobre as nuvens, que ficavam vermelhas; e uma chuva de sangue cobria os relvados dos jardins, alimentando as toupeiras que fugiam dos caracóis. E Freud, abrindo a caixa onde guardava esfinges e charutos, procurava um chapéu-de-chuva para proteger a cabeça do subconsciente de Dali.

## A CHEGADA DO AMOR

O amor chegou, e desembarcou no cais,  
onde ninguém o esperava, fazendo  
a cidade inteira estremecer, como se  
o amor a tocasse.

Mas alguém o viu sair  
do barco, e levou-o para a fila  
da alfândega, onde lhe perguntaram: «Donde  
vem? Que traz consigo? Mostre  
o passaporte.» O amor não percebeu  
o que lhe pediam; pôs o arco sobre  
a mesa, e juntou-lhe as flechas.

Tudo apreendido: não queremos agressões  
nesta cidade; proibidas as armas brancas. E  
o amor, sem passaporte, ficou no cais,  
por entre sacos de lixo e vagabundos  
sem nada para fazer.

E à noite, quando a cidade  
adormece, todos perguntam  
quando chega o amor.

## FILOSOFIA DO AMOR

Enquanto esperas que te dêem o troco,  
tomo nota do teu perfil sob a cortina  
dos cabelos recortados na linha em que testa  
e sobrancelhas se juntam, deixando apenas  
um fragmento de pele por entre uma  
breve abertura da franja. Aí,  
nesse caminho entre o balcão e a mesa,  
trazendo o tabuleiro em que pousaste  
o copo e a bebida, atravessas a fronteira  
entre o espaço de um desenho abstracto,  
que comecei no caderno da minha cabeça,  
e a realidade de um fim de tarde que me  
fez pensar na definição filosófica  
do amor como pura disjunção, ou seja,  
essa dissociação que os filósofos fazem  
da unidade dos amantes, o que  
os leva a considerar que tudo nasce  
da diferença, da separação  
entre um e o outro. Mas enquanto bebias  
o sumo, sentia-o correr na minha garganta,  
como se a vida fosse uma prova do  
contrário do que dizem os filósofos, pelo  
menos neste preciso ponto em que  
nos sentimos um como o outro.

## FÁBULA INDUSTRIAL

As chaminés das fábricas tinham  
pescoços de cegonha, e quando deitavam  
fumo era como se as cegonhas abrissem  
as asas. Quando o fumo era preto,  
porém, as cegonhas transformavam-se  
em corvos de grandes pescoços feitos  
de tijolo; e ao contrário das cegonhas  
não voavam, mas faziam soar as sirenes  
com os bicos metálicos, para que  
os operários saíssem do seu ventre  
em direcção a casa. No dia  
seguinte, se o fumo fosse branco, as operárias  
agarrar-se-iam às asas da cegonha  
e puxá-las-iam, como se fossem  
linho, para as enrolar e meter  
nos contentores que os barcos esperam  
no cais, para as levar para os países  
com falta de lençóis. É por isso que  
os ninhos de cegonha, nos grandes postes  
eléctricos estão vazios; e que as raposas  
correm de uma árvore para outra,  
à procura de um ramo em que esteja  
um corvo, sem conseguirem encontrar  
o queijo que a fábula lhes prometeu.

31/12/19

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **MÓNICA DE LA TORRE**

de *Talk Shows*, Switchback Books, Chicago, 2007

Sobre a Tradução

de *Acúfenos*, Taller Editorial, Cidade do México, 2006

Eros gravita demasiado perto da terra, como se não fosse nómada

Para sair do perpétuo estado de ansiedade em que me encontro

de *The Happy End/All Welcome*, Ugly Duckling Presse, Nova Iorque, 2017

Vista de uma Cadeira Dodó

de *Repetition Nineteen*, Nightboat, Nova Iorque, 2020 (no prelo)

Ao contrário de *nostos*, *algo* é inespecífico

### **DANIEL JONAS**

de *Passageiro Frequente*, Língua Morta, Lisboa, 2013

Dente-de-leão

de *Os Fantasmas Inquilinos*, Cotovia, Lisboa, 2005

*Provavelmente noutro tempo*

*O meu poema teve um esgotamento nervoso*

A resistência à teoria

Grotto

Uma saison nos infernos

### **ROSA OLIVEIRA**

de *Cinza*, Tinta-da-china, Lisboa, 2013

el desierto

botânica caseira

un cœur en hiver

de *Tardio*, Tinta-da-china, Lisboa, 2017

Essa imensa circulação

Indirecto livre

menos-por-menos-dá-mais

### **ANA PAULA TAVARES**

*Inéditos*

A pequena história do grande Ahmad Baba

O génio do lugar soltou os ventos

Somos aquelas antiquíssimas pessoas

de *Ex-votos. Poesia*, Caminho, Lisboa, 2003

Ex-voto

de *O Lago da Lua*, Caminho, Lisboa, 1999

Não conheço nada do país do meu amado

### **NATHALIE HANDAL**

de *Love and Strange Horses*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2010

Amor e cavalos estranhos – Intima

de *The Republics*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2015

Formas de rebelião

de *Life in a Country Album*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2019

Canto Mediterrâneo

Órfico

### **TOMICA BAJSIĆ**

de *Nevidljivo more*. Fraktura, Zagreb, 2018

Poema pós-colonial

Leitura de Poesia

de *Pobuna obješenih*. Fraktura, Zagreb, 2008

Noite no Museu de História Natural

de *Južni križ*. Prémio IG Kovačić. Zagreb, 1998

Em círculos

### **BILLY COLLINS**

de *The Rain In Portugal*. Random House, Nova Iorque, 2016

Filho único

Sobre a rima

de *Amor Universal*. Averno, Lisboa, 2014

Litania

Para a minha rapariga de 17 anos preferida

Depois de amanhã

### **NUNO JÚDICE**

de *Guia de Conceitos Básicos*, D. Quixote, Lisboa 2010

Guia de conceitos básicos

O bombardeamento de Londres

A chegada do amor

de *Navegação de Acaso*, D. Quixote, Lisboa 2013

Filosofia do amor

*Inédito*

Fábula industrial

# LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

foi composto em caracteres Tiempos Text 9/14  
e impresso na Guide, Artes Gráficas,  
em Junho de 2019.



